

Dr. David Bauer, Estudo Bíblico Indutivo.

Aula 1, Introdução, Indutivo versus Dedutivo

© 2024 David Bauer e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. David Bauer ensinando sobre Estudo Bíblico Indutivo. Esta é a sessão 1, Introdução, Indutivo versus Dedutivo.

Meu nome é David Bauer e quero dar-lhe as boas-vindas a esta oportunidade de ensino que se concentra no Estudo Bíblico Indutivo. Aplicarei os princípios do Estudo Bíblico Indutivo ao livro de Tiago e talvez também a 1 Pedro e, até certo ponto, também ao livro de Judas.

Como eu disse, meu nome é David Bauer. Ensino aqui no Asbury Theological Seminary desde 1984. Sou natural de Mansfield, Ohio.

Fiz meu trabalho de graduação no Spring Arbor College, hoje Spring Arbor University, em Michigan. Fiz meu mestrado em Divindade aqui no Asbury Theological Seminary e meu doutorado em Estudos Bíblicos no Union Theological Seminary em Richmond, Virgínia. Também fiz pós-doutorado no Seminário Teológico de Princeton.

Como já disse, tenho ensinado Estudo Bíblico Indutivo aqui há mais de 30 anos. E eu acho que seria útil começar dando-lhe uma ideia do que é o Estudo Bíblico Indutivo. O Estudo Bíblico Indutivo, na verdade, envolve um movimento que surgiu no final do século XIX.

Teve especialmente a ver, pelo menos inicialmente, com o trabalho de William Rainey Harper e Wilbert W. White. William Rainey Harper foi professor de hebraico na Universidade de Yale. Ele também foi, aliás, o presidente fundador da Universidade de Chicago.

Ele era um estudioso da Bíblia, um estudioso do Antigo Testamento, um batista. E ele, claro, ensinou no final do século XIX, numa época em que a crítica histórica, como a chamamos, isto é, o estudo crítico da Bíblia, estava a ganhar destaque. Uma das marcas do estudo crítico da Bíblia naquele momento foi a identificação de fontes e o foco nas fontes, fontes escritas, que estão por trás do texto da nossa Bíblia.

E assim, os estudiosos daquela época estavam muito interessados em reconstruir as fontes escritas que os nossos escritores bíblicos usaram e em concentrar a sua atenção não tanto no texto bíblico como o temos, mas sim nessas fontes anteriores. Harper estava preocupado com o facto de este tipo de enfoque histórico, este tipo de enfoque crítico, realmente afastar a Bíblia da igreja e não preparar uma pessoa para ministrar, particularmente para pregar e ensinar a Bíblia na igreja. Em certo sentido, envolveu dissecar a Bíblia em fontes que o povo não possuía.

Junto com seu ensino dessas abordagens críticas, Harper, em seus cursos sobre o Antigo Testamento, também incluiu o estudo da Bíblia como tal, a Bíblia como a temos, incentivando seus alunos a lerem a Bíblia por si mesmos em livros inteiros ou em grandes trechos de livros. a Bíblia e encontrar a Bíblia dessa maneira. Ele percebeu que seus alunos tinham uma espécie de entusiasmo em relação a esse envolvimento direto com o próprio texto bíblico que eles não tinham quando falavam ou estudavam abordagens críticas que, como eu disse, dissecavam o texto, separavam o texto em termos desses fontes anteriores e focado nelas. Agora, William Rainey Harper estava ensinando em vários lugares durante aqueles anos, e um de seus alunos era Wilbert W. White, que era presbiteriano.

White ficou muito entusiasmado com o que Harper estava fazendo em termos do estudo do texto no que chamamos de sua forma final, o texto como o temos, como um documento teológico, que deveria ser estudado diretamente. O foco estaria no estudo direto do texto com vistas à formação espiritual pessoal, bem como, é claro, como base para a pregação e o ensino da Bíblia dentro da igreja. E assim, Harper e White realmente se uniram aqui neste empreendimento.

WW White continuou e fez um doutorado. em Yale em semítica, especialmente em hebraico, e lecionou em um seminário teológico, um seminário denominacional, mas estava bastante insatisfeito com o currículo do seminário onde lecionava porque não se concentrava realmente no estudo da Bíblia como uma igreja de escrituras e não se concentrou no estudo da Bíblia tal como a temos, na sua, como dizemos, a sua forma final. Ele começou a dar palestras em vários lugares do mundo. Na verdade, ele viajou para a Índia e, de costas para a Grã-Bretanha, descobriu que pessoas de outras culturas, na Índia, por exemplo, não apenas missionários, mas também aquelas pessoas da Índia a quem eles ministravam, ficaram muito entusiasmadas. sobre os estudos que White estava fazendo, que se concentravam em encorajar as pessoas a lerem e estudarem a Bíblia por si mesmas, a entenderem a Bíblia por si mesmas como base para a formação espiritual e para o ministério dentro da igreja.

White fundou um seminário, que foi chamado de Seminário Bíblico em Nova York, que se tornou uma espécie de centro do estudo indutivo da Bíblia em todo o mundo. Isso então se espalhou muito ao longo do século XX. O estudo indutivo da Bíblia foi ensinado em lugares como o Union Theological Seminary na Virgínia, o Princeton Theological Seminary, o Fuller Theological Seminary, o Eastern Mennonite Theological Seminary, o Associated Mennonite Biblical Seminary, o Azusa of Pacific University e muitos, muitos outros lugares, não apenas nos Estados Unidos. mas realmente em todo o mundo.

Agora, muitas pessoas associam o estudo indutivo da Bíblia à leitura leiga da Bíblia. No meu próprio país, aqui nos Estados Unidos, Kay Arthur e o seu programa indutivo de estudo bíblico são muito populares, e isso também se espalhou por outros países

ao redor do mundo. Então, como eu disse, muitas pessoas identificam o estudo indutivo da Bíblia com uma espécie de leitura leiga da Bíblia.

Tem sido muito eficaz dessa forma. Mas isso pode levar, e levou algumas pessoas, a pensar que o estudo indutivo da Bíblia não é realmente muito rigoroso, que não tem muito a dizer para aqueles que estão envolvidos no ministério profissional ou de tempo integral. Mas esse realmente não é o caso.

Uma das grandes vantagens do estudo indutivo da Bíblia é que ele não só pode se relacionar bem com os leigos, mas também possui um tipo de sofisticação que lhe permite contribuir de maneiras muito significativas para os estudos e para a academia. E assim, é claro, mencionei os vários seminários teológicos, incluindo lugares como Princeton, onde o estudo indutivo da Bíblia tem sido ensinado. Influenciou realmente alguns estudiosos de reputação e importância global.

Brevard Childs, por exemplo, que é indiscutivelmente um dos grandes estudiosos do Antigo Testamento, os maiores estudiosos do Antigo Testamento no século XX, foi muito influenciado pelo estudo indutivo da Bíblia, o que ele reconheceu. Na verdade, recebi há alguns anos uma carta de seu último aluno. Esse último aluno disse que, mesmo até o fim de sua vida, Childs insistiu que seus alunos de doutorado se familiarizassem com o estudo indutivo da Bíblia e com a história do estudo indutivo da Bíblia porque ele achava que era muito, muito importante.

Aliás, isso contribuiu para a chamada abordagem canônica de Childs ao estudo da Bíblia. Mas também outros estudiosos, incluindo pessoas como James Luther Mays e Patrick D. Miller, Patrick D. Miller também ensinou em Princeton, foram influenciados pela abordagem indutiva. E então, acho que você verá em nossas apresentações aqui nas próximas horas que o estudo indutivo da Bíblia tem uma espécie de rigor.

É academicamente respeitável e academicamente responsável e academicamente desafiador em alguns aspectos. E, na verdade, você verá aqui que entraremos em alguns tipos de questões técnicas ao longo do caminho. E seremos bastante minuciosos em termos de apresentação de um método indutivo para o estudo da Bíblia.

Recomendo que você, como uma espécie de introdução a esta série, tenha sua Bíblia com você e aberta. Faremos referência constante ao texto bíblico. Na verdade, acho que será útil pausar o vídeo ou talvez voltar e revisar alguns dos vídeos depois de ter visto as passagens que discutiremos aqui na própria apresentação do vídeo.

Quero mencionar aqui, e vou mencioná-lo novamente, que em nossa apresentação do método, que na verdade é, chamamos de método indutivo de estudo bíblico, mas na verdade é um método de estudo bíblico. Isto é realmente uma espécie de

introdução à hermenêutica bíblica, para que você veja que o que fazemos no estudo indutivo da Bíblia não é realmente diferente qualitativamente do que é feito nos estudos bíblicos, o que chamamos de exegese bíblica em todo o mundo. Não há nada específico que façamos no estudo indutivo da Bíblia que seja absolutamente exclusivo do próprio estudo indutivo da Bíblia.

Todas as coisas que fazemos são feitas por exegetas ao redor do mundo. A importância do estudo indutivo da Bíblia e sua singularidade tem a ver com algumas de suas ênfases, sobre as quais falaremos daqui a pouco, algumas de suas ênfases, seu rigor metodológico. Isto é, é mais metodologicamente reflexivo do que muitas vezes acontece no estudo bíblico ou na exegese bíblica em geral.

Pensamos um pouco mais profundamente, um pouco mais profundamente sobre o que estamos fazendo e por que estamos fazendo isso em termos de método. Além disso, em termos de sua abrangência, tenta ser abrangente em termos de como todos esses vários aspectos do estudo da Bíblia são reunidos em um tipo de programa, um tipo de pacote que muitas, muitas pessoas, ao longo de muitos, muitos anos em todo o mundo descobriram ser muito, muito úteis no estudo da Bíblia.

Então, começamos com uma definição básica de abordagem metódica ou abordagem metódica de estudo bíblico de acordo com o método indutivo. A definição básica deste estudo bíblico metódico de acordo com a abordagem indutiva é que é um procedimento passo a passo que torna possível, primeiro, descobrir o significado histórico passado preciso e específico do texto bíblico. Isto é, o significado que foi comunicado pelo escritor bíblico ao seu público original.

E dois, relacionar este significado histórico original com situações e problemas contemporâneos. Isto é, aplicar esse significado histórico original à nossa vida histórica, ao nosso contexto histórico. Na verdade, uma espécie de definição resumida de estudo bíblico indutivo é que ele é uma abordagem abrangente e holística que é intencional ao permitir que a Bíblia fale em seus próprios termos, resultando em interpretação e aplicação exatas, precisas e penetrantes.

Agora, quero destacar uma frase neste ponto: permitir que a Bíblia fale em seus próprios termos. Esta é uma das ênfases de uma abordagem indutiva para o estudo do texto. A hermenêutica bíblica, em geral na atualidade, tende a enfatizar uma espécie de, pelo menos alguns aspectos ou alguns praticantes da hermenêutica bíblica, tendem a enfatizar o que chamam de hermenêutica da suspeita.

Deixe-me fazer uma pausa aqui, aliás, e apenas dizer uma palavra sobre este termo, hermenêutica. A hermenêutica é a ciência do significado, a ciência do significado. Como tal, não se limita ao estudo bíblico.

Existe uma hermenêutica filosófica que tem a ver, como dizem, com a ciência do significado. Mas a hermenêutica bíblica, ou a hermenêutica aplicada à Bíblia, tem a ver com derivar todas as questões envolvidas na obtenção de significado do texto bíblico. Então, só para você saber, quando falamos sobre hermenêutica, estamos falando sobre a tarefa e o processo de derivar significado do texto bíblico.

Mas, voltando ao que acabei de dizer há pouco, muitos profissionais hoje, pelo menos no mundo ocidental, que também está a influenciar outras partes do mundo, falarão sobre uma hermenêutica da suspeita. E com isso, eles querem dizer que, quando chegam ao texto bíblico, suspeitam que o texto e a mensagem do texto sejam opressivos, injustos ou mesmo violentos. Portanto, envolvem-se numa espécie de julgamento do texto, para fazer um julgamento sobre o texto e para identificar, digamos, violência ou opressão dentro do texto, a fim de, num certo sentido, usar um texto contra si mesmo.

Agora, na nossa abordagem indutiva da Bíblia, também temos uma espécie de hermenêutica da suspeita. Mas no nosso caso, a suspeita não se dirige ao texto bíblico. Não suspeitamos tanto do texto quanto suspeitamos de nós mesmos.

Existe uma espécie de auto-suspeita, uma espécie de autocrítica que é central na abordagem indutiva. Isto é, suspeitamos que quando abordamos o texto, estamos inclinados a trazer as nossas próprias ideias e os nossos próprios significados para o texto. De certa forma, esta talvez não seja a melhor maneira de colocar isso, mas capta a ideia, de certa forma, o texto bíblico precisa ser protegido contra nós, contra nossos preconceitos, nossos preconceitos e os pressupostos que trazemos para o texto e ler o texto apenas para lê-los novamente.

O que mais nos preocupa numa abordagem indutiva é que podemos cair numa espécie de ventriloquismo, usando o texto como uma espécie de manequim para transmitirmos a nossa própria mensagem a partir dele. Então, é por isso que, como eu disse, enfatizamos que é intencional permitir que a Bíblia fale nos seus próprios termos, não nos nossos termos, lendo as nossas próprias ideias no texto, mas realmente permitindo que o texto nos fale da sua própria maneira. palavra diferente, sua própria mensagem diferente, que, como veremos em um momento, muitas vezes contradiz ou pelo menos desafia as ideias que podemos trazer para o texto. Agora, para desenvolver um pouco isto, queremos começar falando sobre os pressupostos de trabalho do estudo indutivo da Bíblia.

Este é um quadro geral amplo. A primeira suposição com a qual trabalhamos é que a interpretação precisa, específica e penetrante da Bíblia é central para o ministério cristão e para a nutrição do povo de Deus para a sua vida e missão no mundo. Agora, isso na verdade insiste que a Bíblia é central para a fé cristã, tanto individualmente, para nós como cristãos individuais, a Bíblia é a preocupação central, é o livro que devemos conhecer melhor do que qualquer outro livro, mas também para a vida

corporativa da igreja, para o seu ensino, para a sua pregação, para todos os aspectos da vida da igreja, a Bíblia é absolutamente central.

Quanto mais as culturas se afastam ou estão em desacordo com a Bíblia, quanto menos, por outras palavras, uma cultura abraça a Bíblia, mais importante é para a igreja abraçar as suas Escrituras como absolutamente centrais e autodefinidoras. Você se lembra que no capítulo 11 de Atos, quando o evangelho finalmente chega a Antioquia, Lucas nos diz que foi em Antioquia que os discípulos foram chamados de cristãos pela primeira vez. Agora, esta é uma afirmação muito significativa, na verdade, porque no contexto do capítulo 11, lemos que Antioquia foi realmente a primeira igreja mista, a primeira igreja composta não apenas por judeus que se tornaram cristãos ou composta por gentios. que se tornaram cristãos, mas eram judeus e gentios juntos na igreja de Antioquia.

Mas ainda mais importante no capítulo 11 de Atos é o reconhecimento de que Antioquia era realmente uma comunidade cosmopolita. E assim, o que temos foi pela primeira vez uma igreja sendo formada num ambiente que reconhecia que a igreja não era simplesmente uma seita do Judaísmo. Era uma religião separada, por assim dizer, um tipo separado de fé.

Naquela comunidade cosmopolita, era muito importante que os cristãos estabelecessem uma auto-identidade para que aqueles que estavam naquele ambiente cosmopolita pudessem reconhecer o que significava para a igreja ser cristã e o que significava para essas pessoas identificarem-se como cristãos. Eles não eram simplesmente judeus, uma variação do judaísmo. Não era simplesmente uma variação do Judaísmo, mas era uma fé separada que precisava estabelecer-se e estabelecer a sua identidade num tipo de ambiente muito diversificado.

E foi nesse contexto, no capítulo 11, onde os discípulos são pela primeira vez chamados de cristãos, que Lucas também enfatiza que a igreja era uma igreja ensinada, que durante mais de um ano, a igreja foi ensinada por Barnabé e por Saulo de Tarso, para que a necessidade da igreja ser ensinada realmente decorra da necessidade da igreja compreender a sua própria identidade num ambiente estranho ou diverso e ser capaz de projetar a sua identidade e deixar clara a sua mensagem nesse tipo de ambiente. Assim, quanto menos uma determinada cultura sabe realmente sobre a Bíblia, menos ela sabe sobre o que é o Cristianismo e o que significa ser cristão, e mais importante é para a igreja ser instruída, e especialmente instruída em suas Escrituras. Uma das principais coisas que as Escrituras fazem é instruir-nos sobre o que significa ser cristão e o que significa viver a vida cristã em sua profundidade, num ambiente estranho.

Agora, o que isso realmente significa é que devemos estar comprometidos em exercer um esforço real na compreensão da mensagem das Escrituras. Devemos

fazer verdadeiro esforço para compreender a mensagem das Escrituras. Nenhum esforço é realmente grande demais para fazer isso.

Num certo sentido, isto faz parte da nossa tarefa essencial como cristãos e certamente como ministros cristãos e semelhantes. Quando chegamos à Bíblia, realmente encontramos Deus. É no texto bíblico que temos a revelação de Deus ao Seu povo e, em última análise, ao Seu mundo.

Mas a revelação de Deus não é sinônimo das palavras da página. As palavras na página são absolutamente essenciais para a revelação de Deus, mas a revelação de Deus é na verdade a mensagem das Escrituras que vem através das palavras que estão na página. E, portanto, não basta simplesmente saber o que a Bíblia diz.

Devemos também comprometer-nos a compreender plenamente o que significa o encontro com Deus. Encontramos, em certo sentido, a Palavra de Deus através de um processo de encontro com Deus através da mensagem que está por trás das palavras do texto e que derivamos das palavras do texto. Agora, este é um trabalho difícil, é claro, por um lado, porque a Bíblia chega até nós de épocas diferentes, de culturas diferentes.

As culturas de onde vem a Bíblia, é claro, não existem em lugar nenhum hoje. Então, na verdade, qualquer estudo da Bíblia é transcultural. E, claro, além disso, a Bíblia era contracultural em primeiro lugar.

Além disso, o que temos na Bíblia, é claro, é uma revelação divina ou transcendente. Seus pensamentos não são os meus pensamentos, Deus nos diz através de Isaías 55. Ele diz, assim como os céus são mais altos que a terra, assim são os meus pensamentos mais altos que os seus pensamentos.

Portanto, na medida em que a Bíblia envolve a revelação de Deus para nós, ela é, em certo sentido, difícil, não apenas porque vem de épocas diferentes, de culturas diferentes, e era contracultural para começar, isto é, desafia todas as culturas humanas, mas é divino. É uma revelação transcendente. É uma palavra de Deus que é mais elevada do que nós.

Tudo isso significa que compreender plenamente a Bíblia envolve verdadeiro esforço. Não é uma tarefa fácil. Agora, é claro, precisamos ter em mente o fato, ao dizermos isso, de que existe uma espécie de entendimento.

Calvino se referiu a isso como a clareza das Escrituras. Lutero, a clareza das Escrituras. Há uma espécie de clareza na Bíblia para que qualquer pessoa que a leia, que tenha uma inteligência próxima do normal, possa chegar à fé através do estudo da Bíblia.

Mas para compreender a Bíblia em profundidade, o que a igreja necessita para a sua vida contínua, para compreender a Bíblia em profundidade requer um esforço real e uma intencionalidade real. E é um esforço e uma intencionalidade que vale muito a pena, como digo, pela centralidade da Bíblia para os cristãos e para a igreja cristã. A segunda suposição prática é que todos os ministros cristãos são intérpretes profissionais da Bíblia.

Agora, por profissional, não quero dizer desapegado ou que isso seja simplesmente um trabalho. Mas por profissional queremos dizer que isso está no cerne da sua vocação, do que fazem. Está no centro da nossa vocação.

Somos intérpretes bíblicos profissionais. Se você é um pastor, você é a autoridade bíblica, o intérprete bíblico residente, assim como, em certo sentido, você é o teólogo residente. Deus colocou sobre você, e incumbe a você, a responsabilidade de liderar seu povo em termos de estudo da Bíblia e sua compreensão da Bíblia, para ajudá-los, realmente, a entender a Bíblia por si mesmos e a aplicar a Bíblia a eles mesmos, para ajudá-los no processo de permitir que a Bíblia os molde e os forme como Deus deseja que ela faça.

Novamente, isto aponta , realmente, para a necessidade por parte dos ministros bíblicos e por parte da preparação de pessoas para o ministério cristão do estudo da própria Bíblia. PT Forsyth foi um grande teólogo britânico no início, primeiros anos do século XX, que disse a famosa frase que o ministério cristão deve ser uma bibliocracia . Ou seja, é uma comunidade das Escrituras, uma comunidade que é moldada pelas Escrituras, e que os ministros cristãos devem, e a educação dos ministros cristãos, deve ser bibliocêntrica, centrada na Bíblia e na interpretação da Bíblia.

Uma terceira suposição de trabalho é que a interpretação da Bíblia é fundamental para todo o ministério e para todas as disciplinas teológicas, o que é realmente outra maneira de dizer que é central para todo o ministério cristão, mas vai um pouco além disso em termos de relacionamento o estudo da Bíblia até outras coisas com as quais os ministros lidam. Os pastores, é claro, precisam ter experiência e conhecimento em diversas áreas, obviamente em teologia. Mas acreditamos que a Bíblia é fundamental para a teologia, que toda teologia cristã é realmente uma questão de tentar compreender a Bíblia para sistematizar o ensino da Bíblia de maneiras que nos ajudem a dar um sentido ainda melhor à fé cristã para nós mesmos. nossas próprias situações intelectuais, nossos próprios climas intelectuais e assim por diante.

É claro que todo o ministério cristão, pelo menos o ministério pastoral, tem alguma preocupação com coisas como aconselhamento. Mais uma vez, acreditamos que o aconselhamento deve ser centrado na Bíblia e que deve funcionar com base nas Escrituras. Pelo menos no mundo ocidental, grande parte do aconselhamento cristão envolve realmente fazer uso de noções seculares, não-cristãs e, em alguns casos,

implicitamente anti-cristãs e, em seguida, batizá-las levemente, por assim dizer, isto é, colocar um verniz cristão sobre eles, e depois apresentando isso como aconselhamento cristão ou cuidado pastoral cristão.

É claro que várias pessoas, entre eles eruditos, reagiram contra isto e instaram a um regresso à Bíblia como centro, como força motriz do aconselhamento e coisas semelhantes. Mas então a quarta suposição de trabalho complementa a terceira. Por outro lado, a interpretação da Bíblia é informada e enriquecida pela experiência e por todos os insights verdadeiros de qualquer disciplina que venham.

Portanto, não se trata de dizer que o estudo da Bíblia não tem nada a ver com outras disciplinas ou com a experiência que trazemos para ele. Na verdade, uma das ênfases dos primeiros estudiosos indutivos da Bíblia, como William Rennie Harper e WW White, era toda a noção de conhecimento abrangente. Eles acreditavam que todo o conhecimento do mundo está relacionado com todos os outros conhecimentos do mundo.

E assim, uma compreensão ou conhecimento é realmente um vasto universo, e pode-se entrar nele a qualquer momento. Qualquer ponto em que alguém entre neste mundo de conhecimento, isso terá impacto em outros aspectos do conhecimento, de modo que a compreensão da Bíblia esteja relacionada com a verdade onde quer que ela seja encontrada em todo o mundo. Assim, a Bíblia informa outras disciplinas, outras áreas ou aspectos da verdade, mas estes outros aspectos da verdade também informam o nosso estudo da Bíblia.

Passando então para uma outra suposição, que é a de que existe uma conexão inextricável, isto é, inevitável, necessária entre a autoridade da Bíblia e a questão do método adequado de sua interpretação. Agora, isto realmente tem a ver com a noção de que a autoridade bíblica, a autoridade da Bíblia, a autoridade suprema da Bíblia na igreja, não é retórica, não é credo, mas é funcional. O mais significativo não é o que dizemos acreditar sobre a autoridade da Bíblia.

Não são os credos que proferimos em relação à autoridade da Bíblia, para não dizer que isso não é importante. Isso tem importância à sua maneira. Mas aquilo em que realmente acreditamos no que diz respeito à autoridade da Bíblia será necessariamente expresso funcionalmente em termos do que fazemos.

Uma pessoa, digamos um pastor ou um pregador, pode expressar as noções mais insistentes e completas, e pode-se até dizer radicais, no que diz respeito à autoridade da Bíblia, falando sobre a sua inerrância verbal e plenária ou algo semelhante. Mas se essa pessoa na pregação não tiver o cuidado de proclamar o texto bíblico, a mensagem bíblica, se essa pessoa no seu ministério não dedicar tempo à Bíblia, não tornar o estudo da Bíblia realmente central para o seu ministério, se essa pessoa toma uma passagem como base para um sermão e depois prega um

sermão que não tem nada a ver com essa passagem, ou talvez até contradiga essa passagem, então é preciso dizer que na prática, na realidade, não importa o que essa pessoa pode dizer em relação à autoridade da Bíblia, em termos daquilo que ele ou ela acredita sobre a autoridade da Bíblia, que realmente não está fazendo diferença na vida daquela pessoa ou no ministério dessa pessoa. Não, acreditar na autoridade suprema da Bíblia significa submeter-se à mensagem do texto, o que implica a importância de averiguar a mensagem.

Se alguém acredita na autoridade da Bíblia, está na verdade afirmando, abraçando a noção de que a mensagem da Bíblia é a coisa mais importante do mundo e é um corolário necessário dessa convicção, é uma convicção de que devemos fazer tudo o que quisermos. pode. Não hesitamos em fazer nenhum esforço, em termos de averiguar com a maior precisão possível a mensagem da Bíblia, e isso é método. O processo de averiguar a mensagem da Bíblia é o método de estudo bíblico.

Como eu disse, isso aponta para a importância de métodos adequados na interpretação da Bíblia. Um corolário da insistência na autoridade última da Bíblia é uma insistência na necessidade de refletir seriamente, levando a sério o processo ou método pelo qual verificamos a mensagem da Bíblia a partir do texto. Uma sexta suposição de trabalho é que o método de estudo da Bíblia deve corresponder à natureza da própria Bíblia.

Isto é absolutamente central para uma abordagem indutiva. Uma abordagem indutiva insiste em refletir e considerar cuidadosamente o método de estudo da Bíblia. Mas também, no processo ou enquanto pensamos sobre o método de estudo da Bíblia, precisamos realmente ter certeza de que o método que seguimos está de acordo com a própria natureza do próprio texto bíblico, de modo que a natureza da Bíblia determine para nós. qual a melhor forma de estudá-lo.

Agora, existem realmente três características principais ou amplas na natureza da Bíblia. A Bíblia é histórica, é literária e é teológica. É histórico em termos de sua referência primária.

A Bíblia é, na verdade, a Bíblia envolvida, à medida que os estudiosos e até mesmo os leitores cristãos em geral estão começando a entender cada vez mais, você tem o que é chamado, o que muitas vezes é chamado de meta-narrativa na Bíblia. Na verdade, não creio que seja a palavra mais precisa a usar porque metanarrativa significa uma narrativa paralela. O que eles realmente querem dizer é uma meganarrativa.

Isto é, há uma grande narrativa, uma narrativa histórica, uma história que está por trás de toda a Bíblia, e que na verdade fornece à Bíblia, em parte, a sua unidade. Desde o início da criação, que é claro que temos em Gênesis 1 a 3, mas não apenas lá, até o fim do mundo como o conhecemos, o cosmos como o conhecemos, a

consumação, que é claro, é descrito como acontece no final do Apocalipse, o livro do Apocalipse, mas não só aí, do começo ao fim, você tem essa grande meganarrativa, essa história. Realmente é histórico.

É uma história especialmente do trato de Deus com seu povo Israel. Obviamente, as primeiras partes de Gênesis têm a ver com a história pré-israelita, mas o trato de Deus com seu povo, que começa antes mesmo de Israel, mas é claro centra-se em Israel desde Gênesis 12, pelo menos em diante, até sua culminação em Jesus Cristo. e seu povo. É histórico em termos de seu referente principal.

É também histórico porque Deus se revelou a pessoas, pessoas históricas, em momentos específicos, e os livros bíblicos que temos, obviamente, têm uma história própria. Foram produzidos por certas pessoas históricas em determinados pontos do passado histórico e para outras pessoas no passado histórico, a fim de abordar os tipos de problemas e os tipos de desafios que essas pessoas estavam enfrentando. Portanto, se alguém pretende estudar a Bíblia de acordo com a sua própria natureza, deve levar seriamente em conta esses aspectos da sua fixidez histórica.

Se você não fizer isso, você não estará realmente estudando a Bíblia de acordo com a sua própria natureza. Você não está deixando a própria Bíblia determinar como ela deve ser estudada, o que novamente remete à noção de autoridade bíblica. Este é um aspecto, na verdade, da expressão da autoridade das Escrituras.

Parte do que está envolvido na autoridade das Escrituras é permitir que a própria natureza do texto bíblico determine como devemos estudá-lo. Mas a Bíblia não é apenas histórica, é também, claro, literária. Isto é, se é histórico em termos do seu referente primário, é literário em termos do seu modo primário.

Isto é, chega até nós como literatura, como texto. Isso significa então que não podemos evitar a centralização no texto do processo de estudo da Bíblia. Na verdade, envolve o estudo literário, a compreensão do que está envolvido na comunicação literária e a utilização de toda a compreensão que pudermos acumular sobre o que está envolvido na comunicação literária e a aplicação disso na interpretação do texto bíblico.

Como você verá, veremos que uma abordagem indutiva para o estudo da Bíblia realmente leva a abordagem literária a sério. E realmente, como você verá, a abordagem indutiva é realmente uma abordagem centrada no texto. Não é exclusivo de texto.

Acabamos de falar sobre história, que envolve estudo histórico. Portanto, não é exclusivo de texto, mas é centrado no texto. E não pedimos desculpas por isso por causa do que estamos dizendo, e acreditamos que é manifestamente o caso de que a

Bíblia é, em termos de seu modo primário, literatura literária e deve, portanto, ser estudada de acordo.

A Bíblia também é teológica em termos de seu propósito principal. O propósito principal da Bíblia, do começo ao fim, é teológico. A principal preocupação da Bíblia, acreditamos que cada livro da Bíblia, a principal preocupação é Deus.

Agora, isso é mais óbvio em algumas partes da Bíblia do que em outras partes da Bíblia. Acho que é obviamente o caso da maior parte da Bíblia. Se você está inclinado a ser crítico, e espero que esteja, pense criticamente sobre o que estou dizendo e determine se você acha que é verdade ou não, certo ou não.

Tenha um livro como Cantares de Salomão, por exemplo, onde a ênfase, a menos que se interprete alegoricamente, o que penso não ser a melhor forma de fazê-lo, de acordo com a sua própria intencionalidade, o seu propósito parece ser a celebração do amor humano, do amor entre um homem e uma mulher. Poderíamos até dizer amor sexual, amor erótico e assim por diante. No entanto, mesmo aí, é da perspectiva de Deus, da perspectiva divina.

E há uma sensação de que mesmo em Cântico dos Cânticos, a experiência e a expressão da sexualidade humana fazem parte da celebração de Deus na Sua criação. E, claro, no livro de Ester, você tem o único livro onde Deus não é mencionado explicitamente, mas não há dúvida, é claro, de que você pode ver a mão divina ali. Na verdade, penso que o que temos é, voltando ao carácter da Bíblia, um recurso literário segundo o qual o referente primário de ser Deus ali é na verdade expresso precisamente através ou comunicado precisamente através da ausência ou da omissão. de qualquer referência explícita.

O fato de que Deus deve ser inferido do texto, na verdade, sugere a centralidade de Deus neste livro, onde Deus não é especificamente mencionado. Agora, uma razão pela qual quero enfatizar o carácter teológico da Bíblia e como isso influencia a sua interpretação é que, pelo menos no mundo ocidental, e sei que muitos de vocês não estão no mundo ocidental, mas temos que sejamos realistas e compreendamos que as ideias numa parte do mundo, no tipo de aldeia global em que vivemos agora, necessariamente encontram o seu caminho e afectam o pensamento noutras partes do mundo. E penso que é simplesmente uma questão de realismo compreender que as ideias que surgem na academia no Ocidente, na verdade, especialmente, tendem a filtrar-se pelo resto do mundo, de modo que, mesmo que não estejamos no Ocidente, experimentamos alguma dessas ideias.

Mas ao longo dos últimos anos, tem havido uma ênfase em alguns círculos em falar sobre comunidades de intérpretes. A ideia é que todos nós viemos de uma determinada comunidade. E a comunidade de onde viemos, que representamos, na qual fomos nutridos, determina realmente os pressupostos com os quais chegamos à

Bíblia, determina realmente as questões que endereçamos à Bíblia e, portanto, determina essencialmente a nossa compreensão da Bíblia. a Bíblia.

Alguns estudiosos, na verdade, chegaram ao ponto de dizer que as comunidades de intérpretes não podem falar entre si. Porque eu represento uma comunidade interpretativa e você representa outra comunidade interpretativa, tenho uma agenda tão diferente quando se trata do estudo da Bíblia que realmente não posso falar com você ou conversar com você de qualquer maneira significativa sobre o que a Bíblia significa porque você têm uma agenda tão diferente. E a Bíblia necessariamente significará algo diferente para você do que significa para mim e coisas do gênero.

E isto realmente, e isto, mas mesmo aqueles que não vão tão longe dirão que, até certo ponto, a comunidade da qual viemos realmente determina as perguntas que dirigimos à Bíblia e as respostas que obtemos. Em outras palavras, determina a nossa interpretação e a nossa compreensão das Escrituras. E há alguma verdade, é claro, nisso.

E assim, existem comunidades de intérpretes que chegarão à Bíblia principalmente, digamos, a partir de uma espécie de reconstrução histórica, propósito ou orientação. Este tem sido o caso, pelo menos, de muitos estudos bíblicos críticos ao longo dos últimos séculos. A comunidade de interpretação dos estudos bíblicos ao longo dos últimos séculos tendeu a concentrar-se na reconstrução histórica.

O que realmente aconteceu? Podemos reconstruir esses eventos? Muitas vezes, os estudos históricos sobre Jesus envolvem esse tipo de coisa, uma espécie de abordagem à Bíblia com o objetivo de dizer: ok, vamos derivar do nosso estudo da Bíblia uma reconstrução dos eventos como eles realmente aconteceram. E assim, eles se movem nessa direção. Esse é o foco.

Também é possível abordar a Bíblia a partir do que é chamado de abordagem da história das religiões, que estuda, digamos, o Novo Testamento, de modo a chegar a uma compreensão da dinâmica social e intelectual do cristianismo emergente, com vista a comparar o cristianismo emergente, cristianismo primitivo, às outras grandes religiões do mundo. O propósito é, realmente, chegar a um sentido ou a uma compreensão da natureza religiosa da humanidade. Como pode o estudo do surgimento do cristianismo primitivo que derivamos do Novo Testamento, que se relaciona com o surgimento do budismo, do hinduísmo, do islamismo e de outras grandes religiões do mundo, de modo que olhemos para tudo isso em conjunto e então derivemos alguns algum tipo de compreensão sobre o caráter religioso da humanidade? Durante alguns anos, fui co-presidente do Grupo Matthew na Sociedade de Literatura Bíblica aqui na América do Norte, e tivemos um artigo durante um ano no Grupo Matthew sobre uma compreensão junguiana do Evangelho de Mateus.

Com isso queremos dizer Carl Jung, JUNG, o grande psicólogo. E talvez você não fique surpreso ao saber que obtivemos uma compreensão muito melhor da psicologia e das teorias psicológicas de Carl Jung do que do texto do Evangelho de Mateus. Mas, novamente, é possível fazer parte de uma comunidade que aborda a Bíblia a partir dessa perspectiva.

O que queremos salientar aqui é que estamos operando também a partir de uma comunidade de interpretação. E nossa comunidade de interpretação é uma igreja. E isso significa que o foco que temos é realmente teológico.

Abordamos a Bíblia com a pergunta: como Deus está se revelando a nós através desses textos? Como podemos encontrar não apenas a pessoa de Deus, mas também os caminhos de Deus, a vontade de Deus e a verdade de Deus através destes textos? Essa é a estratégia de leitura que pertence à comunidade de interpretação que é uma igreja. Agora, apresso-me a acrescentar que, em nossa opinião, a abordagem teológica, esta abordagem teológica e eclesial, isto é, o que Deus diz ao seu povo através destes textos, está mais de acordo, de acordo melhor, com o natureza e propósito da própria Bíblia do que essas outras abordagens que pertencem a outras comunidades de interpretação porque a Bíblia parece ser, em termos de seu caráter essencial, teológica.

Como eu disse, a preocupação principal de todos esses livros, e manifestamente de quase todos eles, é Deus. Claramente, todos eles surgiram da comunidade de fé, de Israel e da igreja, e todos eles são direcionados à comunidade de fé, ao Israel do Antigo Testamento, aos judeus e ao Novo Testamento, é claro, à igreja cristã. Sétimo, um estudo bíblico envolve, na verdade, a dupla tarefa de interpretação e aplicação, e a interpretação precede e determina a aplicação.

Isso realmente deriva da noção de que a Bíblia tem dois aspectos. Tem um significado original, um sentido original, ou seja, a mensagem que os escritores queriam comunicar ao seu público, mas também tem um sentido contínuo. Agora, a única coisa, a única realidade que impressiona os leitores da Bíblia, talvez mais obviamente do que qualquer outra, é a sensação de ser um autor, ou seja, a sensação de ser abordado.

Mas reconhecemos duas coisas imediatamente quando experimentamos aquela sensação de sermos abordados quando lemos o texto bíblico. A primeira coisa é que, em primeiro lugar, aqueles a quem se dirige não éramos nós, que não fomos os primeiros destinatários, não fomos os destinatários originais, que há aqui um público, um público leitor aqui, sugerido pelo texto trata-se de alguém diferente de nós, que viveu numa época diferente, ao mesmo tempo, claro, do autor que escreveu estas palavras. Então, reconhecemos então que existe um significado histórico passado.

Esta não é uma construção moderna, como muitos hoje tentam afirmar. Isso pertence realmente à essência da leitura. Esse é um tipo empírico, que surge de uma experiência empírica com o texto.

Portanto, se quisermos levar a Bíblia a sério, temos de levar a sério também o processo de derivação do seu sentido histórico. Por outro lado, porém, há também a sensação de que quando experimentamos esta questão de sermos abordados, num certo nível, o texto se dirige a nós. Não é simplesmente antiquário.

Não se trata simplesmente de o texto se dirigir a pessoas do passado. Isso é verdade em primeiro lugar, mas há uma espécie de significado contínuo no que lemos que nos sugere que também estamos sendo abordados. Que isto tem relevância não apenas, digamos, para o público original do evangelho de Mateus ou para a igreja romana a quem Paulo dirigiu a grande epístola aos Romanos, que tem, que o seu significado e significado não está completo.

Não é gasto apenas com eles, mas continua a ter significado e significado para cada nova geração de leitores, incluindo a nossa. E, portanto, parte da nossa própria experiência do texto bíblico é que ele tem não apenas um significado histórico passado, mas um significado histórico presente, um significado para nós mesmos. Agora, é necessário, é claro, uma vez que concordamos que você tem esses dois aspectos de significado no texto, é necessário, se quisermos ser metodologicamente reflexivos, explorar qual é a relação entre o significado histórico passado e o significado histórico atual das escrituras.

E, em geral, é nossa convicção que a tarefa de derivar ou de abraçar, de encontrar o significado histórico passado precede a tarefa de determinar o seu significado histórico presente, e que o significado histórico presente deve estar em continuidade e, idealmente, deve derivar dele. seu significado histórico passado. Caso contrário, você terá uma bifurcação no sentido do próprio texto. Não é uma unidade.

É bifurcado. Você tem dois significados diferentes que são separados um do outro e, na verdade, podem estar em contradição um com o outro. Mas acreditamos que a mensagem da Bíblia é completa, que o que Deus falou através de Seus escritores inspirados, quis comunicar ao público original, está em continuidade, não é algo diferente, mas está em continuidade com o que Ele quer dizer. para nós hoje.

Aliás, não haveria, apenas no plano prático, não haveria como ter uma espécie de confiança no significado histórico atual, ou seja, no significado aplicatório do texto, se não fosse baseado em seu significado passado histórico. O fato de uma aplicação específica ser derivável é manifestamente e claramente derivável daquilo que os autores aparentemente pretendiam dizer ao seu público original, dá-nos confiança e assegura-nos a base sólida das aplicações que derivamos da Bíblia. Agora, já

passamos cerca de uma hora aqui, então é verdade que temos apenas mais três desses para falar, mas não há nada de errado em parar aqui, respirar, terminar isso e depois voltar, e quando voltarmos, falaremos mais sobre, especialmente o que está envolvido em uma abordagem indutiva, e começaremos a falar sobre um processo específico que podemos aplicar ao texto, que permitirá que o texto fale conosco da melhor maneira em seu próprio sentido. próprios termos.

Este é o Dr. David Bauer ensinando sobre Estudo Bíblico Indutivo. Esta é a sessão 1, Introdução, Indutivo versus Dedutivo.